

CRIATIVIDADE E TECNOLOGIA (*)

*Os animais fazem coisas maravilhosas;
mas, não há colmeias barrocas.*

NG, 1976

NEWTON T. GONÇALVES

A omissão da palavra *criatividade* nos dicionários clássicos da língua portuguesa decerto intrigará os que hoje ouvem o termo empregado a três por dois, desde a escola de primeiro grau.

Criação não traduz a qualidade de produzir trabalho original, de ter idéias originais, de ser criativo, contida no vocábulo inglês *creativity*, de onde nos veio o bem formado neologismo *criatividade*, cumprindo-se a regra geral de que para cada conceito novo há palavras distintas ou significados diferentes.

Érico Veríssimo até queria que as palavras, as idéias e os conceitos fossem datados...

Além do mais, *criação* estava muito comprometida com o sentido geral de "produção de uma coisa qualquer, por meio de elementos preexistentes."

A criação é produto. A criatividade é processo.

(*) Excerto de uma palestra pronunciada no seminário "Ciência de Arte", promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, no Ceará.

*
* *

Embora associada à inteligência, a criatividade tem fundas raízes na *intuição* (no “*sense of fact*”, do poeta Eliot) e nas motivações psicológicas e ambientais de suspeitadas influências no desabrochar da criatividade, explicando-se assim os séculos doirados e os tempos de obscurantismo.

Watson, pregador do “behaviorismo”, chegou a afirmar que poderia *fazer* de qualquer criança normal um artista, um cientista, um capitão de indústria ou um malfeitor! E ainda hoje a educação paga pesado tributo aos exageros dele.

A concluir da raridade dos gênios, as forças negativas são bem mais influentes que as positivas, no desenvolvimento das potencialidades criativas que todos temos.

*

Goethe falou de um “*Zeitgeist*” que faria despertar essa força criativa, mas a psicologia experimental, com suas baterias de “testes” e um cortejo enorme de ratos engaiolados, não conseguiu ainda estabelecer, ou definir, se é a constituição genética ou o ambiente a fonte da criatividade.

Infelizmente, nem os próprios gênios sabem explicar a sua genialidade e a resposta “errada” do “test”, às vezes é a que ainda não foi pensada!

Arthur Koestler, que frequentou muitos deles e é autor de muito mérito, escreveu uma obra hoje clássica (“*The Act of Creation*”) estudando o ato de criação, para concluir que a criatividade é uma “*actualization of surplus potenciais*” (realização de potencialidades em excesso), uma frase a mais, num oceano de dúvidas. . .

Acho válido o conceito de Koestler porque afina com a idéia geral de evolução que norteia a vida.

*
* *

Sabendo-se do sentido pragmático da criatividade, em termos de invenção e de inovação, é fácil compreender a im-

portância prática dos estudos sobre a incidência e o desenvolvimento da capacidade do homem como ser criativo.

A proteção da criatividade, sob a forma conhecida de patente, “*copy-right*”, direito autoral, “*know-how*” reflete os aspectos jurídicos da questão e é um dos motivos que justificam o envolvimento das universidades na pesquisa e no estudo dos processos criativos, pois, sem tecnologia própria, não há país desenvolvido, no sentido econômico da expressão.

O assunto é, todavia, polêmico.

Robinson, o historiador, escreveu um livro intitulado *A Formação da Mentalidade*, cuja leitura me parece indispensável a quantos cuidam do problema do abuso tecnológico e se preocupam com o despreparo dos políticos militantes, no assunto.

Heidegger, o filósofo, pouco antes de morrer ainda não sabia o tipo adequado de governo capaz de distribuir bem as conquistas técnicas que tanto causam admiração e... medo.

Com estas duas citações quero apenas mostrar que a técnica tem outras fronteiras muito importantes, além da criatividade e da ciência. São as fronteiras da política e da economia, que deixarei em paz, nesta oportunidade.

*
* * *

A partir da II Grande Guerra, quando a criatividade pesou cada vez mais no desenvolvimento e na segurança das nações, como fonte de riqueza e de domínio, a “identificação precoce do talento científico” já foi objeto de várias conferências promovidas por sociedades científicas.

*
* * *

A literatura da criatividade também transbordou, como resultado das pesquisas feitas no sentido de medir e avaliar a faculdade inventiva do homem ou estabelecer critérios válidos para o desempenho original.

No livro de Koestler, escrito em 1963, contam-se 395 referências bibliográficas! De lá para, cá correu um rio de tinta sobre o assunto.

*
* *
*

Szent Gyorgyi, o descobridor do ácido ascórbico (vitamina C), discorrendo sobre a pesquisa científica, em geral, lhe deu uma definição que me parece também adequada para criatividade: “Olhar para tudo que já se olhou antes; ver tudo que já se viu antes e *pensar naquilo que antes ninguém pensou.*”

Pensar naquilo que antes ninguém pensou, acontece quase sempre sob o influxo de uma grande preocupação intelectual; a concentração num problema muito difícil.

É o “momento da verdade.”

Este “ momento” ocorre com o indivíduo em plena vigília, como se deu com Arquimedes ao ver a água da banheira subir quando nela mergulhou o corpo; ou durante o sono.

Kekulé, preocupado com a representação estrutural do benzeno, base de metade da química orgânica, sonhou com uma serpente que mordida a própria cauda. (Dizem que foi o sonho mais importante da história, depois do de Josué, no Egito. . .).

Num jantar de homenagem que lhe oferecem, concluiu o espiche de agradecimento com esta frase quase poética: “Vamos aprender a sonhar, senhores, depois provavelmente encontraremos a verdade.”

As vezes, uma simples experiência age como detonadora de uma crise emocional que desperta memórias inexplicáveis, revela modelos perdidos.

Os hagiólogos e a vida dos grande inventores são muito ilustrativas desses fatos “misteriosos” que refletem “um intenso desejo de saber”, “uma compulsão interna”, o “seeing through” intuitivo que abre o trânsito da genialidade para a loucura, da razão para o misticismo.

Em sua autobiografia, Goethe escreveu que a ação essencial e profunda, o que realmente desenvolve e cultiva, é o que resta do poeta traduzido em prosa.

O torso de Belvedere, símbolo da estatuária clássica, é um pedaço de criatividade cinzelado por um artista anônimo.

A criatividade é capaz de dar vida ao mármore, levasa ao granito, transformando materiais inertes num templo grego ou numa catedral gótica.

*

* *

Na força da criatividade reside o fulgor da ciência e das artes. É uma espécie de disposição interior para quebrar a rotina, lutar contra o convencional. Designio em “grande escala”, intuição da relação das coisas.

A criatividade exige uma atmosfera de livre expressão que em tecnologia significa consentimento para fazer, direito de utilizar o produto da criatividade de forma independente e socialmente útil.

Não há receitas, nem métodos para desenvolver a criatividade; se houvesse, um ingrediente indispensável seria o entusiasmo, no sentido grego do *en thous*, isto é, possuir um Deus Interior.

*

* *

Criatividade não é invenção, nem simples descoberta.

James Watt, baseado em fenômeno físico já bem conhecido, inventou a máquina a vapor; Colombo descobriu a América, movido pela força de uma convicção inabalável; Darwin criou a teoria da evolução, num daqueles momentos da verdade, que falei.

O tempo, a distância e a ignorância ocultam as coisas e por isso as “redescobertas” são frequentes e as “originalidades” sem conta.

Pelo menos na aparência, mas, só na aparência, a criatividade surge do nada, *ex-nihil* como dizem os teólogos a propósito da criação do mundo.

*

* *

No verão de 1933, Ortega y Gasset deu um curso que teve por tema uma “meditação de técnica” antecipando-se na preocupação com um problema crucial do mundo contemporâneo, no apogeu da segunda revolução industrial.

Tomarei do meu admirado filósofo os conceitos fundamentais, com os quais me afinou a sua brilhante argumentação.

Repito com ele que o homem tem grande empenho em viver, em estar no mundo, a ponto de não se resignar passivamente à natureza que lhe ameaçou desde o momento incerto do aparecimento como animal inteligente.

Mas, estar no mundo (é ainda Ortega quem o diz) não é tudo para o homem. Ele, ademais, quer estar bem, quer bem-estar. E, por isso, desenvolveu um sistema de necessidades, algumas artificiais, supérfluas, mas pouco a pouco incorporadas pelo progresso às que lhe eram naturalmente necessárias.

Não regulando a sua vida exatamente pelas condições do meio, como acontece com outros animais menos evoluídos, aquele sistema lhe deu a vantagem de quase poder libertar-se do jugo natural, do meio ambiente. Mas, os atos técnicos exigidos pela “reforma da natureza” escravizaram o homem ao ambiente social, trazendo o trabalho organizado, a divisão das tarefas, a especialização, a dependência.

Em síntese: Em vez de adaptar-se ao meio (como se diz correntemente) o homem procurou adaptá-lo às suas exigências materiais.

* * *

René Dubos se expressa assim: “A tecnologia está forjando para homem novos grilhões de que lhe parece incapaz de evadir-se”.

Há quem afirme que “a especialização é o fundamento do progresso”, mas, acho que também é uma das causas da dificuldade de compreensão entre os homens; pois ela acarreta a ignorância recíproca aos novos “bárbaros” “um supplément d’âme”, na frase de Bergson.

Homens de QI fora do comum deixam de integrar conhecimentos fundamentais e se apresentam como autores de obras ridículas que pretendem transformar a buena-dicha em oráculo.

“Ao dinheiro não se deve obedecer e sim mandar”. Estas palavras de quem entendia do assunto, o milionário Onassis, também se aplicam aos conhecimentos técnicos, cuja multiplicidade e abundância devem aproveitar ao bem do homem e não escravizá-lo.

“A magia da técnica é intrinsecamente boa. O pecado mortal é usá-la para outros fins que não o de servir a todos os homens” (René Dubos) .

A história da humanidade é quase toda a das ambições do Homo faber, num processo que se poderia chamar *itus et reditus*, traduzindo o vaivém das civilizações.

Huizinga acha que tudo começou em brincadeira (Homo ludens) e até hoje não se sabe, ao certo, se o arco que atirava flechas não teria sido um instrumento musical.

Que há muito homem sabido, não resta dúvida, mas quem achou o *Homo sapiens* “le mal nomé”, não estava longe da verdade filosófica.

Bernard Shaw, exemplo clássico de que “o gracejador é irmão do sábio”, até mesmo quando penetramos segredos etimológicos, achava que todo o progresso depende do homem insensato... porque o homem insensato persiste em tentar adaptar o mundo a si mesmo... Evidentemente Shaw conhecia a força psicológica da inquietação...

O fato é que o homem moderno está encalacrado e já não precisa mais de tantas máquinas. Um “deus ex-máquina” seria melhor...

A extraordinária versatilidade técnica dos tempos de hoje leva à volúpia de consumir sempre mais, a que não escapam nem os marginais do progresso, os “*nouveaux pauvres*” da sociedade de consumo, contaminados psicologicamente pela propaganda.

Industrializar é a palavra do século. Igualando o desenvolvimento técnico ao progresso, os economistas estabeleceram um estalão de valores pelo qual o mundo foi simploriamente classificado em áreas de fartura, em terras de Coconha e áreas subdesenvolvidas.

Os computadores assumiram as funções da consciência do tecnocrata. Eça de Queirós entreviu em *O Mandarim*, o problema de transferência de responsabilidade, denunciado por Norbert Wiener. A consciência do Pinocchio, do conto infantil de Collodi, era um grilo, sempre ausente em suas travessuras...

Na era tecnológica — digo palavras de René Dubos — a vida passou a ser “uma manifestação de consequências e não a expressão de finalidades”.

E se é um fato que mais de cinquenta por cento dos adultos maiores de dezoito anos estão lendo “Tio Patinhas”, ou revistas do mesmo quilate, restam poucas esperanças, ao espírito de criatividade, a não ser que a infantilização e a feminilização crescentes da sociedade contemporânea sejam uma forma de homem reconquistar a inocência e aquele o “*touch of love*” que só as crianças e as mulheres possuem, na terra.

*

* *

“O homem é a *nativitate*, um técnico criador do supérfluo.” A frase textual de Ortega y Gasset me deu a chave do motivo da falência da utopia, do bem-estar universal, somente pela satisfação do objetivamente necessário.

A alma também é exigente, tem custeio oneroso. Precisa de liberdade, de música, de quadros, de livros, viagens, bons vizinhos, bons papos, companhias agradáveis...

Entenda-se por supérfluo, em Ortega y Gasset, o que excede ao necessário e não o que é inútil, embora possa acontecer que a partir de um certo grau de desenvolvimento tecnológico o supérfluo aproveite cada vez menos à maioria, ou se torna tão inútil quanto um “Mercedes” de 220 HP, numa rua de tráfego congestionado, ou cheia de buracos. É que a palavra supérfluo, como Juno, tem duas faces: tanto indica aquilo que flui, que corre em abundância; como o que infla, incha, sufoca. As sociedades afluentes, são também influentes; mas, isto não é um mero atributo semântico...

O fato é que a técnica existe e cada vez mais se expande e domina. Mas, ainda está longe de atender à grande aspiração de “fabricar sem nenhum operário, um número cada vez maior de objetos que não custem nada”.

Não será possível nem desejável reverter à vida do bom selvagem de Rousseau; nem procurar refúgio na nostalgia, o equivalente psicológico de segurança dos tempos vividos.

*
* *

As mitologias e as religiões estão cheias de exemplo de deuses e de homens que desceram às profundas; passaram em barriga de baleia, recolheram-se aos desertos, ficaram temporariamente em túmulos, antes de ressuscitarem para as grandes decisões.

O homem moderno talvez esteja vivendo um destes arquétipos. Identificando-se com os males do tempo, em vez de assumir uma atitude crítica e vigilante de sua época, parece que ele está recuando “pour mieux sauter” e retomar o destino superior traçado pelo mistério de sua criação.

Não quero ser um semeador de pessimismo.

Na Africa Negra — onde a sabedoria também existe — diz-se que as nuvens podem ser escuras, mas a água da chuva é cristalina.